

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 77

Data: 12.06.86 Pg.: _____

Índios Krahô recuperam a machadinha

190

Roberto Faustino

Da Redação da Folha



Aleixo Pohi exhibe a machadinha, ao lado de José Goldemberg e Pedro Penô

Passados quase quarenta anos em que esteve, primeiro, com o antropólogo Harald Schultz, e depois no Museu Paulista, da Universidade de São Paulo, a machadinha "Kyiré", símbolo religioso e cultural da nação Krahô, da região norte de Goiás, voltou às mãos dos índios. Em cerimônia realizada ontem, às 9h, na Cidade Universitária (zona oeste de São Paulo), o reitor da USP, José Goldemberg, 67, entregou a "Kyiré" ao chefe Pedro Penô, 72, representante dos Krahô, mediante um termo de comodato. Por este dispositivo legal, a machadinha continua em propriedade do Museu, mas foi emprestada aos índios que assumiram a responsabilidade por sua guarda e conservação.

O termo de comodato foi assinado pelo próprio reitor, como representante da USP; o chefe Krahô e o presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Romero Jucá, 31, que esteve em São Paulo especialmente para a cerimônia. Na ocasião, Jucá afirmou que "na nova Funai, vamos iniciar um processo de tratamento aberto de documentação indígena para que a comunidade possa ter acesso às informações sobre a questão dos índios".

Alheio ao processo legal adotado pela universidade para devolver a machadinha, o chefe Krahô ficou contente: "Eu sou mais velho e vejo que o índio novo perde o ritual, costume, e vim até a capital São Paulo para trazer a 'Kyiré' de volta. Vocês não sabem o que a 'kyiré' pode fazer. Ela é de casamento, batizado dos meninos. É por isso que ela é importante. Por isso vim buscar a nossa peça e fiquei até o fim".

Por sua vez, o chefe Aleixo Pohi disse que "Deus deixou uma única 'Kyiré'. Ela não precisa de escritura porque não existe fábrica, ela é obra da natureza e foi deixada por Deus. Quando vim buscá-la, fiquei preso, mas Deus abriu a porta e eu saí da cadeia". Segundo a tradição Krahô, a "Kyiré" foi doada por um ser mitológico que ao entregá-la aos índios deixou inúmeros ensinamentos que são passados de geração a geração.

Posição da USP

Falando em nome da universidade, o reitor José Goldemberg afirmou que a decisão de devolver a machadinha foi tomada pelo Conselho Técnico Administrativo da USP e revelou uma postura nova e criativa no trato dos problemas burocráticos. Também o diretor da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH), João Batista Borges Pereira, afirmou que a entrega da machadinha tem para a USP um significado didático, "pois deu oportunidade para repensar a filosofia e política dos museus nos dias de hoje".

A espera de que a universidade devolvesse a machadinha, cerca de dez índios Krahô permaneceram em São Paulo, alojados no Conjunto Residencial da USP (Crusp) desde o início de maio. O Conselho Administrativo do Museu Paulista foi contra a entrega da machadinha, alegando, entre outras coisas, que isto poderá abrir um precedente que "pode significar a mutilação dos museus em seus acervos". A "Kyiré" foi doada pelo antropólogo Harald Schultz, que a adquiriu junto aos índios em 1947.

Funai quer rever ensino indígena

Da Redação da Folha

O presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Romero Jucá, disse ontem em São Paulo —onde participou da cerimônia de entrega da machadinha "Kyiré" aos índios Krahô— que a entidade não tem uma política nacional de educação indígena, o que dá origem a várias distorções, como por exemplo a imposição do uso do português no início da alfabetização para alunos que não falam esta língua. "Estamos preocupados e em contato com vários órgãos, como a Fundação Educar, a FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) e o Ministério da Educação em busca da consolidação de uma proposta pedagógica para resguardar a cultura indígena".

As distorções existentes na educação indígena foram denunciadas em

um documento elaborado por um grupo de estudos coordenado pela União das Nações Indígenas (UNI), Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Comissão Pró-Índio e Operação Anchieta a ser encaminhado à Funai. O documento propõe a formulação de uma política educacional urgente com a participação dos setores da sociedade envolvidos.

Segundo Romero Jucá, a educação indígena é responsabilidade da Funai que pode somar esforços com todas as entidades públicas e privadas que tratam da questão. Ele disse que os convênios estabelecidos pelo órgão com prefeituras e secretarias estaduais, despreparados no trato com os indígenas, podem continuar se obedecerem a uma proposta pré-determinada pedagógica inserida no contexto cultural e no estágio da comunidade indígena em questão.